

O LABOR FILOLÓGICO E AS HUMANIDADES DIGITAIS

THE PHILOLOGICAL WORK AND THE DIGITAL HUMANITIES

Maria Aurilene Pinto Sampaio Holanda (UECE)¹

Expedito Eloísio Ximenes (UECE)²

RESUMO

Pensar o fazer filológico sob a perspectiva das humanidades digitais é quebrar paradigmas de métodos e conceitos, visto que o ‘texto’ ganha novos usos, manuseios e intervenções por parte dos leitores/filólogos. Assim, as definições se ampliam, dando lugar a um novo objeto de investigação, que Paixão de Sousa (2009) denomina ‘texto digital’. Partindo deste princípio, objetivamos, neste trabalho, trazer a lume discussões teóricas, tendo como ponto de partida trabalhos científicos que versam sobre a interseção do campo filológico com as ferramentas digitais, assim, discutir a aproximação da filologia (SPINA, 1977; GUMBRECHT, 2003; XIMENES, 2013; FERREIRA, 2016) à perspectiva das humanidades digitais (PAIXÃO DE SOUSA, 2014). Tendo em vista que, o texto, como produto social e objeto de investigação da *práxis* filológica, interage e sofre pressão com as mudanças sociais, sobretudo as mudanças de cunho tecnológico, pois elas interferem diretamente na produção, no armazenamento e distribuição dos textos, pressupondo ao filólogo novos suportes e diferentes formas de manipulação e processamento da escrita. Assim, realizamos buscas, por meio de palavras-chave, em sites que portam em sua base de dados, trabalhos de cunho científico que discorrem sobre a temática aqui explorada. Elegemos o Portal de Periódicos da Capes e o Google Acadêmico, pela confiabilidade das informações armazenadas. Na busca, elegemos três trabalhos em língua portuguesa e de recente publicação. Na análise dos trabalhos, destacamos que a interseção do labor filológico com as humanidades digitais é um campo investigativo fértil, de positivas contribuições para o estudo da língua e da sociedade. Bem como, apontamos discussões que versam sobre a repercussão das ferramentas tecnológicas à materialidade textual sob a perspectiva das humanidades digitais. Por fim, destacamos a produtiva discussão acerca do fazer filológico sob a ótica das humanidades digitais, ampliando o debate sobre o acesso, a preservação e o manuseio de documentos que guardam histórias sociais e linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Humanidades digitais. Labor filológico. Texto. Texto digital.

ABSTRACT

To think about doing the philology from the perspective of digital humanities is, certainly, to break paradigms of methods and concepts, since the ‘text’ gains new uses, handlings and interventions by the readers/philologists. Thus, the definitions expand, giving to a new object of investigation, who Paixão Sousa (2009) defines as ‘digital text’. Assuming that, we aim, in this work, to bring to light theoretical discussions, having as a starting point, scientific works that deal with the intersection of the philological field with digital tools, thus discussing the philology approach (SPINA, 1977; GUMBRECHT, 2003; XIMENES, 2013; FERREIRA, 2016) from the perspective of digital humanities (PAIXÃO DE SOUSA, 2014). Since the text, as a social product and object of investigation of philological praxis, interacts and suffers pressure with social changes, above all, changes of a technological nature, as these it interfere directly in the production, storage and distribution of texts, presuming to the philologist, new supports and different ways of handling and processing of writing. Thus, we carried out searches, by keywords means, on sites that carry in

¹ Doutoranda vinculada à Universidade Estadual do Ceará (UECE). Contato: aurilene.sampaio@aluno.uece.br

² Doutor vinculada à Universidade Estadual do Ceará e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (UECE/PosLA). Contato: expedito.ximenes@uece.br

their database, works of scientific nature that discuss the theme here explored. We chose Capes Periodicals Portal and Google Scholar, for the reliability of the information stored. In the search, for reasons of space of this discussion, we chose three recently works published in Portuguese. The work analysis, we emphasize that the intersection of the philological work with digital humanities is a fertile investigative field, with positive contributions for the study of language and society. As well we point discussions that deal with the impact of current technological tools on the textual materiality from the perspective of digital humanities. Finally, we highlight the productive discussion about the philology doing from the view of digital humanities as it broadens the debate about access, the preservation and handling of documents that keep social and linguistic histories.

KEYWORDS: Digital humanities. Philological work. Text. Digital Text.

Dizeres introdutórios: para início de conversa

Os princípios científicos e o rigor metodológico da crítica textual se devem, inicialmente, a Karl Lachmann, a quem é imputado a sistematização das edições críticas da filologia clássica. Foi o estudioso quem consolidou teorias e métodos no trato do texto, no século XIX, assim, servindo de referência à prática filológica moderna.

Partindo desse contexto, para este trabalho, discorremos sobre os meandros da filologia, perpassando por alguns conceitos clássicos de edição e análise de textos, propostos por Lachmann, até os mais modernos modos de fazer e conceituar a filologia e a sua prática.

Em primeiros esclarecimentos, destacamos que a filologia caminha *pari passu* às ações do ser humano e suas intervenções no mundo, sobretudo quando se trata de comunicação e linguagem, por isso adquire novos formatos, novos métodos e novos objetos de investigação, embora permaneça centrada no texto. Sendo assim, ainda que atravessada pelas recentes tecnologias, preserva em suas tarefas primordiais o desvelar de aspectos sociais, históricos, culturais e linguísticos, partindo do texto.

Portanto, a filologia como ciência humanística, está em constante renovação desde as suas mais remotas origens e, atualmente, adentra ao campo das tecnologias digitais, estas últimas que se interpõem aos tradicionais métodos e pressupostos da filologia, bem como instrumentalizam o fazer filológico, sem, contudo, ignorar a função, as técnicas e a ética presumida ao filólogo.

Sendo assim, objetivamos, neste trabalho, trazer a lume discussões teóricas que apontam a interseção entre o fazer filológico e as humanidades digitais. Para isso, realizamos um levantamento, por meio de ferramentas de busca³, de uma amostra das discussões acerca das humanidades digitais para o fazer filológico, de modo a apontar a relação existente, e diríamos que próxima, entre os campos de conhecimento. Muito embora, em um primeiro momento possa parecer dispar, devido ao caráter, outrora atribuído à filologia, de ciência que lida, especialmente, com textos antigos.

Por fim, identificamos, nos trabalhos analisados, os desafios na proposição de uma filologia pautada no campo das humanidades digitais, todavia, em contrapartida, ressaltamos que a aproximação dos campos de conhecimento ora citados dinamiza o labor filológico, principalmente, quanto à preservação e ao acesso documental.

³ Método definido pelas áreas da biblioteconomia e da ciência da informação como bibliometria e tem sido utilizado como um método de análise quantitativa para pesquisa científica. Soares *et al* (2016) destacam que os dados estatísticos elaborados por meio dos estudos bibliométricos mensuram a contribuição do conhecimento científico derivado das publicações em determinadas áreas. Todavia, ressaltamos que, neste trabalho, não nos utilizaremos do termo e nem mais especificamente do método em suas especificidades mais aprofundadas.

1 Filologia: ontem e hoje

A prática filológica, que se tem notícia no mundo ocidental, dá seus primeiros passos em um período histórico denominado alexandrino, na antiga civilização grega, mais precisamente a partir do século III a.C, fase denominada helenística. Neste momento, nasce a filologia com procedimentos e critérios de apuração textual, embora ainda sem um rigor científico bem definido.

Esta prática filológica foi adotada pelos romanos, que herdaram a tradição grega. Já na Idade Média, a Igreja assume o domínio da escrita que se concentrou numa prática de traduzir, copiar e reproduzir textos, sobretudo, os textos sagrados.

Uma metodologia mais científica de lidar com os textos se estruturou no século XIX, quando Karl Lachmann expôs procedimentos teóricos e metodológicos nas edições do Novo Testamento em grego (BASSETO, 2013), fazendo surgir, a partir de então, o que se convencionou chamar de método lachmanniano, no qual a crítica textual estaria dividida em partes: a recensão e a emenda.

Embora, tendo o método proposto por Lachmann sofrido inúmeras críticas, serve, ainda nos dias atuais, de referência à prática filológica.

Modernamente, a filologia, em um sentido mais restrito, é a ciência que estuda o texto em sua materialidade, seja pela escrita por meio de análises paleográficas, pelo suporte em análises codicológicas, ou até o estudo do léxico em diferentes campos de investigação linguística.

Por outro lado, em um sentido mais amplo, conforme pontua Basseto (2016), diz respeito à investigação científica do desenvolvimento e das características de um povo, ou cultura, a partir dos registros da língua ou da literatura.

Todavia, é importante destacar que, desde os tempos mais remotos, a ciência filológica se ancora no texto. Mesmo sendo, o termo filologia e por extensão o termo filólogo, há muito discutido pela polissemia associada ao campo de atuação e até ao objeto de estudo, uma vez que são considerados amplos e divergentes, cujos objetivos têm variado conforme o tempo e/ou as condições em que são estudados (BASSETO, 2016), portanto, implicado ao filólogo um objetivo bem estabelecido para a análise filológica e um conhecimento significativo de ciências afins à filologia.

Spina (1977, p.60) já alertava que modernamente a “filologia apresenta um propósito mais arrojado, mais pretensioso (...)”, mesmo em sua função básica de recuperação de textos escritos em tempos passados, pois permite que o filólogo encontre explicações para fenômenos da história social, cultural e linguística de um povo, permitindo, assim, refazer a história da língua tanto em sua materialidade escrita (ortografia) como nos significados lexicais (léxico).

Posicionamento corroborado em Basseto (1993) quando destaca que, no labor filológico, sobretudo na análise da circunstância de produção do texto, o filólogo situa o texto em um contexto histórico, cultural, social e político, a fim de facilitar a compreensão da mensagem e esclarecer tópicos e alusões de caráter interno e externo à língua.

Do mesmo modo, Marcotúlio *et al* (2018) assevera que o filólogo é o pesquisador que estuda o texto considerando o seu contexto sócio-histórico de produção e circulação, bem como, tem por ocupação a recuperação, a preservação e a fixação dos textos que posteriormente podem ser submetidos a análises das mais diversas ordens.

Neste sentido, a “filologia concentra-se no texto para explicá-lo, restitui-lo” (SPINA, 1977, p.75) e ancora-se em áreas afins, como a história, a paleografia, a codicologia, a sociologia, dentre outras, para que assim elucide todos os pontos obscuros do próprio texto. De modo a transpassar o caráter erudito da filologia que busca restaurar o texto em sua genuinidade, para transpô-lo; função filológica denominada por Spina (1977) como transcendente, reforçado em Holanda (2019, p.27), como a função em que “o filólogo não se prende a somente o texto, mas o transpõe, ou seja, atravessa a materialidade linguística e mergulha em universos outros, de modo a permitir que o texto possa subsidiar na reflexão sobre importantes contextos sócio-histórico-culturais”.

Desta feita, o labor filológico parte para uma perspectiva *lato sensu* (SANTIAGO-ALMEIDA, 2011) de estudo do texto para além do método da *recensio*, da *estemática* e da *emendatio*, uma vez que,

(...) a prática filológica *lato sensu* seria o estudo do texto em dimensões mais amplas e interdisciplinares em que são consideradas interpretações que corroboram para uma leitura integral do texto e das suas realidades externas que complementam os sentidos que possam ser transmitidos. (XIMENES, 2020, p.23)

Portanto, a prática filológica no sentido *lato sensu* torna, ainda mais, saliente o seu caráter transdisciplinar.

A discussão corrobora com Said (2007, p.82) ao defender a proposição de retirar da filologia o adjetivo de disciplina pouco atrativa, pois segundo o autor a verdadeira “leitura filológica é ativa, implica adentrar no processo da linguagem já em funcionamento das palavras e fazer com que revele o que pode estar oculto, incompleto, mascarado ou distorcido em qualquer texto que possamos ter diante de nós”.

Partindo desta proposição, Said (2007, p.29) propõe uma filologia de caráter humanístico em que haja a transposição de um domínio, ou seja, de uma área da experiência humana para outra, “de maneira que absorvesse as grandes lições do passado(...)”.

Sendo assim, conforme cita Ximenes (2013, p. 229), a filologia “extrapola o âmbito puramente da língua para dominar o discurso com todos os seus reveses e, assim, cuidar das manifestações do espírito humano”, despertado pela amplitude filológica na construção do conhecimento.

Dado o exposto, corroboramos com Gumbrecht (2003), ao fazer analogia dos ‘poderes’ da filologia a um gozo ao disruptivo e ao fascinante, sendo ainda mais metafórico quando sugere que fazer filologia é como um belo espetáculo de fogos e efeitos especiais, com caráter intelectualmente desafiador.

Gumbrecht (2003) defende que o filólogo, inevitavelmente, assume o papel de autor da/do obra/texto, proposição reconfigurada por Ferreira (2016, p. 231) quando destaca que ao editar um texto o filólogo administra um patrimônio, ou seja, “o texto que se tem em vista editar, de outrem, o respetivo autor; logo, o filólogo é um curador textual”. Portanto, Ferreira (2016) destaca que o fazer filológico é curadoria, em que o “curador” assume a posição de coautoria *sui generis*, visto que a edição e a administração de textos implicam na tomada de decisões.

Ainda levando em consideração a tomada de decisão do filólogo para o trato do texto, Sacramento e Santos (2017) definem a filologia como uma ética de leitura, em que o modo de articulação configura uma tomada de postura que implica na postura ética do filólogo, os autores fazem destaque que,

A leitura filológica é, portanto, uma ética, um modo de participação ativa e deliberada na esfera mundana textual, política, cultural, que situa necessariamente o crítico em relação às circunstâncias de produção de suas intervenções e o coloca em um campo aberto em que não há estabilidade previamente constituída para o empreendimento interpretativo. (SACRAMENTO; SANTOS, 2017, p.135)

Já no campo das humanidades digitais, Paixão de Sousa (2000) propõe o termo filologia virtual para se referir ao objeto criado a partir de um trabalho filológico mediado por tecnologias digitais, que inclui a produção da réplica imagética digital do documento físico, a edição filológica digital e as múltiplas possibilidades de representação final ou publicação digital. A estudiosa traz à tona, ainda, o conceito de documento digital, termo proposto por Namiuti-Temponi *et al* (2013),

para descrever a reprodução digital obtida com métodos científicos de captura de imagem e codificação da informação.

Neste sentido, destacamos que, o texto, objeto da filologia, demanda leituras e pesquisas dentro de um campo amplo de conhecimentos e pressupõe, conforme pontua Said (2007), uma cultura que se reflete no humanismo, assim, caminha *pari passu* à humanidade, adquirindo novos formatos, métodos e objetos de investigação, de modo que o fazer filológico, no escopo de suas funções e contribuições para a história da língua e da humanidade, preserva em suas tarefas primordiais o “desvendar não só o que ficou registrado por escrito, mas também o que está nas entrelinhas” (QUADROS; GONÇALVES, 2020, p.262).

Apesar disso, embora a aproximação do campo filológico e o campo computacional esteja em efervescente ampliação, percebe-se, ainda, um “pisar de ovos”, nos termos utilizados por Sacramento e Magalhães (2018). Já observado em Paixão de Sousa (2014), quando destaca que o trabalho com o texto antigo no ambiente digital propicia o surgimento de uma nova filologia e salienta que a possibilidade de um ‘novo’ fazer filológico não goza de tanta receptividade ou reconhecimento.

2 Filologia e humanidades digitais: novos olhares

A terminologia “*humanidades digitais*” tem sido alvo de controversos debates e de definições um tanto polissêmicas. Seja pela indefinição do campo de atuação teórico-metodológico ou pela ampla perspectiva de mobilização das ciências humanas e sociais para o uso de ferramentas digitais nos campos de investigação.

Destacamos aqui o Manifesto das Humanidades Digitais (THATCAMP, 2010), documento que expressa o estado da arte e as perspectivas atuais do campo que é definido como uma “transdisciplina”, uma vez que porta métodos que fazem relação com o digital no domínio das ciências humanas e sociais. Alegando que, nos últimos anos, multiplicaram-se as experimentações no domínio do digital em ciências humanas e sociais.

Embora recentes, os estudos, que interrelacionam o campo tecnológico e o campo de investigação filológico, encontram-se, atualmente, em plena expansão, sobretudo no cerne de grupos de pesquisa como o Grupo de Pesquisas Humanidades Digitais, vinculado ao Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP) da Universidade de São Paulo (USP), formado por estudiosos/pesquisadores e interessados em trabalhos que visam investigar a produção, a organização e a difusão da informação no meio digital.

Nesta seara, a filologia amplia o campo/objeto investigativo, não como uma tentativa de morte aos tradicionais métodos filológicos, mas como uma desconstrução que amplia o espaço de construção da leitura filológica, conforme destaca Sacramento e Sousa (2017).

Desse ponto de vista, a contribuição das humanidades digitais para o fazer filológico vai além do labor técnico, pois atende às urgências teórico-metodológica da filologia, bem como a uma necessidade real de ampliação, organização e difusão de fontes documentais que servem de embasamento aos estudos em humanidades. Visto que, os textos, lavrados em papel e armazenados em arquivos, guardam informações históricas, linguísticas, sociais e culturais, mas ficam restritos à materialidade do papel, sendo limitado o acesso pelo público, seja pela falta de habilidade na leitura paleográfica ou pela restrição de acesso aos espaços de guarda.

Questão amplamente discutida por Paixão de Sousa (2009, 2014, 2017, e outros), a autora alerta que a circulação da escrita em ambiente digital renova a relevância de algumas das tradicionais tarefas da crítica textual, dado corroborado em Namiuti-Temponi *et al* (2013, p.29) quando apontam que

(...)combinada com a tecnologia, a Linguística não só pode se beneficiar na eficácia de suas análises, como também abre um espaço ainda mais promissor

para que o trabalho com o dado de língua não seja isolado da preocupação com a preservação daquilo que, sem dúvida, está contido nos textos: a memória e história tanto da língua quanto da sociedade.

Por este prisma, a perspectiva das humanidades digitais, sobretudo por meio de ferramentas computacionais, a exemplo do *E-dictor*, primeiro programa computacional para edições filológicas eletrônicas desenvolvido no Brasil (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER, 2007; PAIXÃO DE SOUSA, KEPLER E FARIA, 2010), permite além da edição filológica em diferentes camadas, atendendo aos preceitos de edição filológica propostos por Lachmann, contribui também para a redução do tempo do processo de edição (transcrição-edição-análise) em pelo menos 50%, conforme pontua Paixão de Sousa; Kepler e Faria (2010). Bem como, amplia a possibilidade de análise histórica da língua, da cultura e da sociedade, permitindo anotações de cunho linguístico que viabilizam um olhar holístico do pesquisador/estudioso da língua.

Portanto, o trato do texto, sob a ótica da filologia em interface às tecnologias digitais, permite uma abordagem global do texto, sendo o recurso tecnológico um mediador para a reflexão, a análise linguística e a integração entre diferentes planos analíticos.

Assim, na próxima seção deste trabalho, abordaremos o que dizem os recentes trabalhos quanto à repercussão das atuais ferramentas tecnológicas na materialidade textual sob a perspectiva das humanidades digitais, em que destacamos a produtiva discussão acerca das humanidades digitais para o fazer filológico.

3 As tecnologias digitais no trato filológico: o que dizem os recentes trabalhos

A título de contextualização, no Brasil, o termo humanidades digitais é recente, data oficialmente o ano de 2013 com a realização do *I Seminário Internacional em Humanidades Digitais no Brasil*, ocorrido na cidade de São Paulo e a utilizar o rótulo em questão, embora devamos destacar que desde a década de 90, há um expressivo movimento que une o saber humanístico da filologia às tecnologias digitais, fazendo surgir uma ‘nova filologia’ (SANTIAGO; LACERDA; CARNEIRO, 2018).

Crane *et al* (2008) definem a ‘nova filologia’ como *e-philology* e sugerem que as práticas de edição e análise do texto, pela qual perseguimos ao longo dos anos no fazer filológico, devem evoluir, uma vez que a cultura digital está intimamente ligada às humanidades.

Levando em consideração este contexto e vislumbrando levantar uma amostra da discussão acerca das humanidades digitais para o fazer filológico, de modo a apontar a relação existente entre os campos de conhecimento, como campo emergente de estudos da sociedade, da cultura e da história acessado pela língua, realizamos busca, por meio de palavras-chave, em dois sites que portam, em sua base de dados, trabalhos de cunho científico que trazem à tona a temática aqui explorada.

Elegemos a página do Portal de Periódicos da Capes⁴ e o Google Acadêmico⁵, pelo grau de confiabilidade das informações armazenadas e como critério de busca inserimos as palavras-chaves: “humanidades digitais+filologia” formado pelo substantivo “humanidades” seguido do adjetivo qualificador “digitais” com o sinal de “mais” seguindo pelo substantivo “filologia”. Em uma primeira busca, o portal Google Acadêmico apresentou aproximadamente 16.300 resultados, enquanto, o Portal de Periódicos da Capes, apenas 4 resultados.

Na segunda rodada de busca utilizamos o substantivo “filologia” mais o qualificador “digital”, conforme representação: “filologia digital” e obtivemos aproximadamente 37.400

4 <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>

5 <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

resultados no portal Google Acadêmico e 2.013 resultados no Portal de Periódicos da Capes. Os critérios de filtros da busca foram trabalhos publicados depois de 2015 e publicações em língua portuguesa.

Com a busca selecionamos, por questões de espaço de discussão neste trabalho, apenas três artigos que se repetiram nos dois portais de busca, aparecendo na primeira página de resultados em ambos os sites de armazenamento de dados. São eles:

- a. Por uma filologia virtual: o caso das atas da Câmara de São Paulo (1562-1596) (MONTE; PAIXÃO DE SOUSA, 2017);
- b. A edição de textos genuinamente digitais e os caminhos da filologia nas humanidades digitais (FACHIN; OLIVEIRA, 2019);
- c. O processo de edição filológica de documentos utilizando o software e-Dictor (TEIXEIRA; PALMA; BRASIL; ZANI. 2020)

Com as discussões travadas nos trabalhos citados, desenhamos um despretenso panorama da repercussão das atuais ferramentas tecnológicas na materialidade textual, sobretudo no que concerne à filologia e aos tradicionais moldes de lidar com o texto manuscrito, bem como, destacamos as discussões acerca das humanidades digitais para o fazer filológico.

É importante reforçar que a aproximação entre filologia e as tecnologias digitais, no Brasil, ganhou força e espaço e configurou-se em um horizonte de produtiva expansão, sobretudo a partir dos anos 90.

Com o processo de ampliação das discussões quanto ao fazer filológico sob uma perspectiva das novas tecnologias da informação surgem a urgência e motivação para o desenvolvimento de ferramentas que contribuíssem com o trabalho de edição e análise de anotação específica para textos históricos.

A exemplo desta urgência e motivação, citamos o *Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe* (GALVES, 1998) que é o resultado de pesquisas realizadas desde os finais dos anos 90, mais precisamente em 1998, inspirando filólogos e linguistas ao trabalho com o texto antigo no ambiente digital, fazendo surgir, assim, uma nova filologia, o que entendemos como o que Crane *et al* (2008) chamaram de *e-philology*.

Quanto ao recorte de estudos levantado para este trabalho, em Monte e Paixão de Sousa (2017) é apresentada uma reflexão teórica sobre a natureza do texto digital, bem como é proposto o termo “edição filológica virtual” para denominar a edição mediada por tecnologias. As autoras observam que uma abordagem digital se mostra relevante por proporcionar a possibilidade de leitura a um público amplo constituído tanto por especialistas (linguistas, historiadores, sociólogos etc.) e também pela comunidade em geral, ou seja, menos especializada. Assim, destacam a “preservação” e a “ampla divulgação” como contribuições significativas nas edições digitais, destacando as múltiplas possibilidades de representação final ou publicação digital do documento, uma vez que dispõe da produção da réplica imagética digital do documento histórico físico, por isso a utilização do termo “edição filológica virtual”, procedimento que se dar em três componentes:

(...) a representação digital do texto original sob forma de imagem; a **‘textualização’** ou passagem da informação visual para informação efetivamente codificada como texto (incluindo-se a **‘transcrição’** do texto e a anotação de informações adicionais sobre o texto); e a **apresentação** do texto como objeto novamente legível como informação visual (de fato, num processo de *desmaterialização e rematerialização* do texto, de informação visual para informação computacional, e de volta para informação visual). (MONTE; PAIXÃO DE SOUSA, 2017, p.245) **grifo nosso**

Fazemos destaque que os componentes mencionados, pelas autoras, corroboram com a divisão metodológica proposta por Ximenes (2013), que se faz em três etapas inicialmente, a saber: a escolha, a edição e a análise dos elementos oferecidos pelo texto. Entendemos, ainda, que em Monte e Paixão de Sousa (2017) a proposta metodológica preserva certas especificidades das proposições de edições filológicas moderna propostas por Karl Lachmann.

Portanto, fazendo-nos inferir que sendo a filologia uma ciência das humanidades, como propõe Said (2019), os procedimentos filológicos são modernizados à medida que a sociedade muda, visto que a filologia faz parte da vida social e da língua e da linguagem, ou mais resumidamente, nas palavras de Auerbach (1972, p.11), a “filologia é o conjunto de atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do homem”.

Por outro lado, Fachin e Oliveira (2019) asseveram que muitos serão os desafios na proposição de uma filologia pautada no campo das humanidades digitais, mas corroboram com a proposição de Monte e Paixão de Sousa (2017) de que o labor filológico tem se transformado e dinamizado, principalmente, quanto à preservação e ao acesso documental. Bem como, ampliado o horizonte das técnicas de edição filológica limitadas, em outros tempos, às tecnologias do impresso, conforme é destacado em Paixão de Sousa (2013), não restando dúvida da nova condição textual imposta pelo ambiente digital, assim como salienta Barreiros (2014).

Neste sentido, destacamos o trabalho de Fachin e Oliveira (2019) que, embora, defendam a pertinência e urgência do encontro da filologia com as humanidades digitais para dinamizar o trabalho do filólogo, observam que:

(...) o arquivo digital é mais frágil que aquele impresso quando armazenado adequadamente, isso porque sua existência está condicionada ao formato em que foi criado, que muitas vezes, só poderá ser executado por determinado software, que condiciona sua existência aos interesses comerciais das grandes companhias tecnológicas. Em outras palavras, se a empresa que detém os direitos sobre determinado sistema lançar uma nova versão que não seja mais compatível com o antigo, muitos arquivos naquele formato serão perdidos e, com eles, conteúdos importantes que podem ser das mais diversas ordens. (FACHIN; OLIVEIRA, p. 254, 2019)

Deste modo, embora o tratamento computacional na tradição do trabalho filológico e linguístico represente a ampliação do olhar e a dinamização do acesso e procedimentos de pesquisa com o texto, cumprindo um importante papel ao suscitar novas reflexões ao fazer filológico, uma vez que a filologia não está alheia ao contexto sócio-histórico, ainda há muito a se avançar, pois, é o texto um produto intrinsecamente social que demanda novas formas de acesso, representação, interação e leituras, assim como destaca Boto (2012, p.18),

Os modos de representação textual convocados pelas mais recentes tecnologias digitais constituem, por assim dizer, vantagens que o editor não deverá descurar, na medida em que eventualmente lhe permitirão solucionar (ou pelo menos equacionar) problemas de ordem crítica e representacional do texto.

A exemplo, das vantagens advindas do uso de recursos tecnológicos para edição de textos, podemos citar o software eDictor, que consiste em um editor de textos voltado para o labor filológico e que permite a realização de análises linguísticas, ferramenta amplamente discutida no trabalho de Teixeira *et al* (2020).

Em Teixeira *et al* (2020, p.367), as autoras discutem o uso da ferramenta eDictor no contexto das humanidades digitais, ou seja, o uso de tecnologias adaptadas aos campos de pesquisa humanística, como é o caso do *software* ora citado. Ressaltam, ainda, que “(...) não se trata apenas de construir uma tecnologia inexistente no mercado, mas de conceber uma ferramenta

computacional adaptada às necessidades específicas desses campos” e defendem que a relação das humanidades com a tecnologia computacional tende a contribuir, mutuamente, para a evolução de ambos os campos.

Neste sentido, mesmo cientes dos desafios que as tecnologias digitais impõem ao labor filológico, corroboramos com Teixeira *et al* (2020, p.368) ao admitir que “o uso de soluções tecnológicas baseadas em *softwares* livres se coaduna com o objetivo de facilitar as colaborações entre as disciplinas e alcançar resultados e avanços globalmente”, conforme destacamos nos trabalhos de Monte e Paixão de Sousa (2017) e em Fachin e Oliveira (2019).

Dentre inúmeras contribuições da ferramenta eDictor para a filologia, destacamos que é possível elaborar edições modernizadas de manuscritos, sem que se percam as informações filológicas e paleográficas do texto original. Outra possibilidade que decorre da aplicação da tecnologia digital ao trabalho do filólogo é a análise linguística sob o olhar diacrônico, uma vez que satisfaz questões essenciais ao estudo das mudanças linguísticas no decorrer do tempo, conforme pontua Paixão de Sousa, Kepler e Faria (2010).

Sobre o software eDictor, Teixeira *et al* (2020, p.368) observam que:

Por meio do eDictor, os textos podem ser adaptados à ortografia atual e receber diferentes camadas de anotação linguística e filológica, pelo sistema de edição eletrônica. Assim, a partir de um arquivo XML é possível gerar diferentes versões de apresentação do texto (edição diplomática, edição semidiplomática acompanhadas pelo fac-símile, uma versão de texto original em .txt e outras). E, atendendo à condição do estudo linguístico, de fidelidade do texto, o escrito original é conservado nesse tipo de edição. O que acontece é a adição de camadas sobre esse texto; de modo que a sua forma original, ou conservadora, sempre será mantida junto com as demais versões de edição.

Sendo assim, destacamos que a proximidade do campo das humanidades digitais e as ciências humanísticas, como é o caso da filologia, contribui para a qualidade da edição filológica, para a redução de tempo empregado pelo filólogo no trabalho com o texto, dos manuscritos e permite que pesquisadores de áreas diversas e um público mais amplo tenha acesso a documentos, antes, de acesso limitado ao local de guarda.

4 Últimas considerações: ampliando horizontes para novas discussões

Certamente, as poucas páginas deste trabalho não atendem à amplitude da contribuição das humanidades digitais para as ciências humanísticas, como a filologia, mas abre espaço de reflexão para as inúmeras possibilidades advindas do caráter transdisciplinar característico das humanidades e das múltiplas faces do fazer filológico.

Neste sentido, vislumbrando trazer à tona discussões teóricas que discorram sobre o fazer filológico na perspectiva das humanidades digitais, destacamos, no levantamento dos trabalhos que abordam a temática, a aproximação entre filologia e as tecnologias digitais que, no Brasil, têm ganhado um espaço significativo e figuram-se em um horizonte de produtiva expansão.

Destacamos o trabalho de Monte e Paixão de Sousa (2017), em que as autoras apresentam reflexão teórica sobre a natureza do texto digital e propõem o termo ‘edição filológica virtual’ para denominar a edição mediada por tecnologias, denominação que quebra paradigmas no que concerne os modelos tradicionais de edição filológica.

Por outro lado, em Fachin e Oliveira (2019) identificamos os inúmeros desafios na proposição de uma filologia pautada no campo das humanidades digitais, todavia, em contrapartida, asseguram que a aproximação das áreas tem transformado e dinamizado o labor filológico, principalmente, quanto à preservação e ao acesso documental.

Por fim, a exemplo das vantagens advindas do uso de recursos tecnológicos para edição de textos, citamos o software eDictor, que consiste em um editor de textos voltado para o labor filológico, que além de dispor de ferramenta para edição filológica em diversas camadas, dispõe de recursos para análises linguísticas de diversas ordens, discussão travada no trabalho de Teixeira *et al* (2020).

Dado o exposto, entendemos que as pesquisas filológicas no campo das humanidades digitais detêm de um amplo horizonte de discussão teórica-metodológica a travar, bem como inúmeras possibilidades de análises e discussões tanto no que concerne à língua/linguagem como a sociedade.

REFERÊNCIAS

BARREIROS, Patrício Nunes. SANTOS, Rosa Borges dos. (Org.) **Filologia e humanidades digitais**. Feira de Santana. BA. UEFS Editora. 2018.

BARREIROS, Patrício Nunes. **Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições**. Filo. Linguisti. Port. São Paulo, v 16, n.1, p. 31 - 62, jan/jun. 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i1p31-62> Acesso em 02/01/2022

BASSETO, Bruno Fregni . **O significado de “filólogo” para gregos e romanos**. *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 109–116. 1993 <https://doi.org/10.24277/classica.v0i0.762>

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica: história interna das línguas românicas**. vol 2 - 1ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. 456p

CRANE, Gregory (et al.). **ePhilology: when the books talk to their readers**. Blackwell Companion to Digital Literary Studies, R. Siemens; S. Schreibman (eds). Oxford: Blackwell, 2008.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. OLIVEIRA, Laís Cristina Trevisan Reis de. . **A edição de textos genuinamente digitais e os caminhos da filologia nas humanidades digitais**. 2019. Disponível em *Liinc Em Revista*, 15(1). <https://doi.org/10.18617/liinc.v15i1.4589> Acesso em 20/08/2021

FERREIRA, Pedro Tiago. **Filologia como curadoria: o caso Pessoa**. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, v. 18, n. 2, 2016. p. 231-262.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **The powers of philology**. Dynamics of textual scholarship. Champaign: University of Illinois Press. 2003.

HOLANDA, Maria Aurilene Pinto Sampaio. **Estudo lexical do ritual da morte em certidão de óbito da diocese de Itapipoca-ce**. 348 f. Mestrado em Linguística Aplicada. Instituição de ensino: Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/ce, 2019.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz *et al*. **Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval**. São Paulo: Parábola, 2018.

MONTE, Vanessa; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Por uma filologia virtual: O caso das atas da câmara de São Paulo (1562-1596).** REVISTA DA ABRALIN, v. 16, p. 239-264, 2017. <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/13173>

NAMIUTI-TEMPONI, C.; SANTOS, J. V.; COSTA, A.; FARIAS, I. S. **Computação e Linguística: importante diálogo para pesquisas e preservação da memória nos novos meios das antigas fontes.** RBBA, v. 2, n. 1, p. 9-34, 2013.

PAIXÃO DE SOUSA Maria Clara, KEPLER, Fabio Natanael, FARIA, Pablo Picasso Feliciano de. **e-Dictor.** [Programa de Computador]. Versão [1.0 beta 10]. Data de Publicação 2013. Disponível em: <http://edictor.net/download>.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Conceito material de "texto digital":** um ensaio. In.: Revista Texto Digital v. 5 n. 2 (2009). Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2009v5n2p159> Acessado em 30/08/21

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **O Corpus Tycho Brahe:** contribuições para as humanidades digitais no Brasil. Filol. Linguíst. Port., São Paulo, v. 16, n. spe, p. 53-93, dez. 2014.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Texto digital:** Uma perspectiva material. Revista ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Volume 1, Número 35, 2013. ISSN: 1982-7830. <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/643>

PAIXÃO DE SOUZA, Maria Clara; KEPLER, F.N.; FARIA, P. **E-Dictor: novas perspectivas na codificação e edição de corpora de textos.** In: SHEPHERD, Tania; SARDINHA, Tony Berber; PINTO, Marcia Veirano (Org.). Caminhos da Linguística de corpus. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

QUADROS, Tamires Sales de. GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. **O labor filológico na edição de um manuscrito histórico do século XIX IN.:** Travessias Interativas: entre Manuscritos e Impressos: estabelecimento, edição e crítica de textos da época Moderna / São Cristóvão (SE), N. 20 (Vol. 10), p. 260–277, jan-jun/2020.

SACRAMENTO, Ari; SANTOS, L. DE J. **A Filologia como ética de leitura.** Revista da ABRALIN, v. 16, n. 2, 26 abr. 2017.

SACRAMENTO, Arivaldo. MAGALHÃES, Livia Borges de Souza. Ciborgues textuais: posturas e decisões para a produção de edições filológicas. In.: ALMEIDA, Isabela Santos de.

SAID, Edward. **Humanismo e crítica democrática.** Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manuel Mourivaldo. **Para que filologia/crítica textual?** Revista Acta: A escrita no Brasil colonial e suas relações. Assis, SP, v. 1, 2011. Disponível em: [http://sgcd.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRÍTICA A TEXTUAL. PDF](http://sgcd.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRÍTICA%20TEXTUAL.PDF). Acesso em: 19 out. 2021.

SPINA, Sigmund. **Introdução à edótica: crítica textual.** São Paulo. Ed. Cutrix. 1977.

SOARES, P. B.; CARNEIRO, T. C. J.; Calmon, J. L.; CASTRO, L. O. da C. de O. Análise bibliométrica da produção científica brasileira sobre Tecnologia de Construção e Edificações na base de dados Web of Science. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 175-185, jan./mar. 2016.

TEIXEIRA, Daiana da Silva, PALMA, Mayara Feliciano, BRASIL, Patricia, & ZANI, Sofia Tonoli Maniezo (2020). **O processo de edição filológica de documentos utilizando o software eDICTOR**. *Revista Ibero-Americana De Ciência Da Informação*, 13(1), 360–371. <https://doi.org/10.26512/rici.v13.n1.2020.29614>

THATCAMP. **Manifesto das Humanidades Digitais**. ThatCamp. Paris: ThatCamp [The Humanities and Technology Camp], 2010. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>. Acesso em: 12 out. 2021.

WARREN, Michelle R. **Post-Philology**. In.: INGHAM, Patricia Clare. WARREN, Michelle R. (Org.) *Postcolonial moves: medieval through modern*. Palgrave Macmillan. 2003.

XIMENES, Expedito Eloísio. *Fraseologias Jurídicas: estudo filológico e linguístico do período colonial*. Curitiba: Appris, 2013. 445 p.

XIMENES, Expedito Eloísio. **Uma Filologia Lato Sensu: Relatos De Pesquisas No Ceará** In.: *O fazer filológico em stricto e lato sensu*. v. 8, n. 2. jan/abr - 2020. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10761> . Acesso em: 18 out. 2021

Submetido em 26/02/2022
Aceito em 19/05/2022